

## BURNED AGAINST THE REAR FENDER

*Burned against the rear fender* [Queimado contra o para-choques traseiro], a primeira exposição individual de Monika Grabuschnigg em Portugal, dá continuidade às suas investigações sobre o desejo corporal e cerebral; sobre a força devastadora do fogo e a intensificação do calor em todo o planeta; sobre o que a fusão inexorável da cognição e do código significa para aquilo que é estar consciente.

As obras impelem-nos, arrastam-nos como se estivéssemos paralisados, através de uma paisagem sobrenatural, mas estranhamente reconhecível: conhecemos este lugar, embora ele nos perturbe profundamente. À medida que nos movemos entre elas, as peças invadem, prendem e rasgam as linhas que delimitam o humano do não humano, convidando-nos a perdermo-nos naquele momento vertiginosamente eufórico antes de uma queda; ou a rodopiar através das pilhas de cinzas e das montanhas microplásticas que se acumulam à nossa volta: a acne a desabrochar sobre a superfície já marcada da Terra. As superfícies despedaçadas e recozidas das suas obras espelham e quebram as nossas próprias arestas incertas, os traços com que por vezes nos enganamos são certos.

Ferozmente materialistas, densamente detalhadas, texturizadas com tanta precisão fina e acidente imaculado como a terraformação que irá definir os nossos futuros pós-Terra, as obras de Grabuschnigg podem ser lidas com micro-atenção ou macro-fascinação.

Mergulhar de cabeça nas gotas e explosões de esmaltes salpicados de estrelas e queimadas a 1050 graus nos relevos suspensos como *Drunk on loneliness* [Embragado de solidão] (2020) é ser sugado através de uma câmara de ar para dentro dos últimos suspiros contemplando uma nebulosa gasosa, pendurada diante de todos aqueles avisos de há 14 mil milhões de anos atrás sobre o que acontece quando se brinca com a criação.

Dê um passo atrás, inverta a gravidade habitual, obtenha uma visão aérea de si próprio diante das mesmas obras, e verá as placas tectónicas do supercontinente Pangeia, do qual as nossas sete unidades continentais se separaram e se afastaram há milhões de anos atrás; ou um rio que corre através de um mappa mundi medieval: uma cartografia da nossa viragem pré-ciborgiana, o nosso salto pós-Copernicano.

MONIKA GRABUSCHNIGG

12.04.2021 | 30.05.2021

Nas sandálias queimadas e derretidas, vemos novamente a compulsão de Grabuschnigg pelo fogo. Estes vestígios desfigurados e contaminados de uma sociedade consumista que se consumiu no esquecimento são simultaneamente reconhecíveis e repulsivos, tranquilizadores e aterradores; tão assustadoramente familiares como os artefactos incrustados de lava de Pompeia. O calor extremo das técnicas cerâmicas (queimadas em fornos mais quentes do que a superfície de Mercúrio, o vizinho mais próximo do nosso sol) asseguram que as nossas mentes não podem afastar-se dos incêndios florestais em fúria que cercam as nossas cidades, os caldeirões de carbono borbulhantes de petróleo que são os pacemakers do nosso sistema hiper-capitalista. A argila é natural, extraída do solo, tátil, orgânica. Tal como o petróleo. Tal como aqueles sacrifícios antigos e guerreiros hasteados a pingar das turfeiras e dos poços de alcatrão. (cf. *Glove puppet for the soul* [*Fantoches de l'ava para a alma*], 2020).

A teoria comum do livre arbítrio é que tudo se resume à escolha. Vemos possíveis futuros a divergirem em bosques amarelos (queimados), então escolhemos um. Prevemos, analisamos, escolhemos. Mas esse é apenas um lado da questão. Com a mesma frequência, o cronologicamente oposto acontece: o livre arbítrio vem de tomar - ou cair em - uma decisão, e depois refletir sobre ela. Julgar, decidir: O que é que eu fiz? O que é que fizemos de errado? Como fazer para melhorar?

Freud, Haraway e outros têm postulado a ideia de feridas históricas no nosso sentido de identidade: o copernicano, o darwiniano, o freudiano, o ciborgiano; quatro bifurcações ao longo da estrada em combustão lenta que mudaram a nossa espécie e o nosso planeta para sempre. As decisões já foram tomadas. A única questão que resta, parece estar a dizer-nos o trabalho de Grabuschnigg, é esta: O que é que vais fazer em relação a isso para permanecer humano?

Martin Jackson, janeiro de 2021

**MONIKA GRABUSCHNIGG** – n. 1987, Áustria. Vive e trabalha em Berlim (DE).

Os trabalhos mais recentes de Grabuschnigg exploram a fusão frequentemente violenta da natureza e da tecnologia: como a fisicalidade e o desejo interpessoal podem ser aprisionados ou aumentados pelo software; como tanto os seres humanos como as máquinas podem ser infetados pela decomposição e fermentação; como materiais intensamente terrestres como a cerâmica podem ser transformados em representações da visão por computador ou de emoções de olhar vazio.

Em 2020 Grabuschnigg recebeu a Bolsa Neustart Kultur da Stiftung Kunstfonds Bonn, e em 2018 foi galardoada com o Berlin Art Prize. As suas obras fazem parte das coleções do State Museum Vorarlberg, do Federal Artothek de Viena, e da Academy of Fine Arts de Viena.

Exposições recentes incluem:

- *Razed in Isolation* [*Arrasado em Isolamento*] – Carbon 12, Dubai, 2021
- *Violent delights* [*Encantos violentos*] – DOCK 20 – Sammlung und Kunstraum Hollenstein, Lustenau, 2020
- *...of bread, wine, cars, security and peace* [... de pão, vinho, carros, segurança e paz] – Kunsthalle Wien, 2020
- *Liquified desires, I speed so far* [*Desejos liquefeitos, acelero até agora*] – Galerie Stephanie Kelly, Dresden, 2020
- *Dancing at the edge of the world* [*Dançando na orla do mundo*] – Sara Zanin Gallery, Rome, 2020
- *In delirium I wear my body* [*Em delírio, uso o meu corpo*] – Studioraum 45 cbm, Staatliche Kunsthalle Baden-Baden, 2019
- *Fantasy electrifies my hand* [*A fantasia eletrifica a minha mão*] – REITER Galleries, Leipzig, 2019